

Desde o mundo grego, as relações entre psiquê e poesia têm atraído a imaginação e o intelecto de poetas e filósofos. Na contemporaneidade, essa atração — absorvida nas disciplinas que tratam de seus objetos específicos de estudo — ressurge sob a forma das relações entre psicanálise e literatura.

Sobre o fato de que tais relações existem, não parece haver dúvida. Resta, contudo, discriminar quais são importantes e quais são meramente triviais. Para sabê-lo, é preciso, no mínimo, ter trânsito livre tanto na literatura quanto na psicanálise, quer dizer, conhecê-las por dentro, na intimidade, aquela intimidade que só os anos podem trazer, na convivência cotidiana, do dia e da noite, da prática e da teoria, dos hábitos e das surpresas, da fadiga, desencanto e desinteresse temporários, de um lado, temperados e recompensados pelas novas descobertas, fidelidade e adesão continuada, de outro. Enfim, com os mesmos altos e baixos que são familiares a todos aqueles que se dedicam a uma área de estudo, pela singela razão — mas verdadeira — de que a amam e cuidam dela como devem ser cuidadas as flores de um jardim.

Ao se aventurar nas interrogações sobre poesia e psicanálise, no seu livro *A Palavra In-sensata. Poesia e Psicanálise* (São Paulo: Escuta, 1993), originalmente defendido como dissertação de mestrado, na PUCSP, em 1992, Eliane Fonseca sabia o que estava fazendo. Psicanalista, escritora e poeta por opção e profissão, preenche com perfeição o primeiro requisito necessário para não cair em meras trivialidades de superfície e circunstância. Foi assim que a autora soube evitar os caminhos mais fáceis e inócuos que, ao fim e ao cabo, não interessam nem à literatura, nem à psicanálise. Quais são eles? Tomar

As incandescências da insensatez

Resenha de Eliane Fonseca, *A palavra In-sensata*. São Paulo, Escuta, 1993, 136 p.

a literatura como simples ilustração de questões psicanalíticas, ou considerar a psicanálise como chave de explicação do fenômeno literário e vice-versa são exemplos dos equívocos mais corriqueiros.

Há variadas concepções tanto da psicanálise quanto da poesia, desde aquelas que pensam que poesia é algo semelhante a leite e água e açúcar, até aquelas que a tomam como bandeira para a defesa de causas na crista-da-onda. Assim também, na psicanálise, há desde propostas de ortopedia do ego até o cultivo remunerado das ilusões do imaginário. Para os que apreciam os limites, no entanto, *poesia é risco, é ousadia, é invenção* com todas as conseqüências que isso pode trazer, enquanto a psicanálise é desencantamento, dedo na ferida de uma consciência que não se sabe e que não pode senão desconhecer-se.

O título do livro de Eliane Fonseca, *A Palavra In-sensata*, já funciona como índice de uma opção que, ao tratar da poesia e da psicanálise, não cai no engodo da demanda por aquilo que cola, que faz sentido, mas, ao contrário, busca, nas incandescências da insensatez, o aparente sem-sentido da revelação, onde chispas da verdade faíscam sob palavras, entre palavras, quase palavras.

A integração honesta e a confiança sincera na teoria e na prática é capaz de trazer resultados extraordinários. Foi assim que a autora, sem ignorar que as relações entre psicanálise e poesia podem e devem ser labirínticas, encontrou o

fio condutor de uma intersecção possível e relevante no procedimento estético, este entendido como produção de um efeito capaz de suspender o sentido habitual das coisas. Há mais estética na psicanálise — é o subtítulo de Eliane Fonseca — do que podem sonhar muitas práticas e teorias vãs.

Em 1917, o literato V. Chklovski, pertencente ao movimento do Formalismo Russo, escreveu um texto antológico sobre "A Arte como Procedimento", em que discutia o fenômeno da singularização de um objeto, produzido pelos procedimentos específicos da linguagem literária, procedimentos esses capazes também de provocar um efeito de estranhamento regenerador na sensibilidade perceptiva do receptor. Dois anos mais tarde, sem nada saber do artigo anterior, escrito numa área não diretamente ligada aos seus interesses imediatos, Freud produziu seu não menos famoso ensaio *Das Unheimliche*, onde o estranhamento, tão caro à literatura, comparece como questão essencial nas aparições, sempre oblíquas e esquizóides, do inconsciente. A comparação entre esses dois ensaios, no capítulo de abertura do livro de Eliane Fonseca, é uma peça de rara sensibilidade teórica e acuidade intelectual.

Ora, a questão espinhosa, tocada pela corda do estranhamento, está na percepção. Não a percepção soldada pelos hábitos e entropizada nos afazeres do dia-a-dia, mas a percepção do insólito, do surpreendente, do criador: as formas expressivas da percepção. Esse é o assunto do segundo capítulo que, ao trabalhar as *formas* expressivas, acabou por reconduzir a auto-

ra, necessariamente, de volta para a questão dos procedimentos, onde uma outra convergência iluminada é posta em relevo.

"Se quisermos saber alguma coisa de poesia" — Décio Pignatari já afirmava em magníficas aulas de pós-graduação da PUCSP, nos hoje longínquos anos 70, — "é preciso ler e reler *A Interpretação do Sonhos*, de Freud". Por ter ouvido talvez ecos desse chamamento de Pignatari, Eliane Fonseca estudou o sonho no cotejo com o poema, ou vice-versa, ambos mediados pelo ideograma, à luz do também antológico ensaio de Haroldo de Campos sobre "Ideograma, Anagrama, Diagrama. Uma leitura de Fenollosa" (Cultrix, 1977).

Do mergulho nos meandros mais sutis da palavra transmutada, a autora não podia senão emergir com uma proposta das mais perspicazes — que a escuta do analista seja guiada pela carta de navegação dos procedimentos poéticos e oníricos.

Enfim, o livro é uma linda peça lúcida e sensível. Sem deixar de lado o rigor que a seriedade e o escrúpulo do trabalho intelectual exigem, a pesquisadora cede passagem também à escritora e artista capaz de driblar as camisas-de-força da academia, dando às palavras o movimento solto e a respiração leve e livre do prazer.

Lúcia Santaella - Livre-Docente em Ciências da Comunicação na ECA/USP. Coordenadora do Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica PUCSP. Vice-Presidente da Associação Internacional de Semiótica. Conselheira da Federação Latino-Americana de Estética.